

Uma Análise das Crenças e Atitudes Linguísticas dos Falantes do Oeste do Paraná

WEST OF PARANÁ SPEAKERS' ANALYSIS CONCERNING TO LINGUISTIC ATTITUDES AND BELIEFS

Sanimar **BUSSE***
Aparecida **FEOLA SELLA****

Resumo: Este artigo apresenta resultados do estudo sobre crenças e atitudes linguísticas em dados colhidos dos inquéritos realizados para o Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná (BUSSE, 2010). O Oeste paranaense teve sua formação inicialmente marcada pela homogeneidade étnica e cultural. O sentimento e a crença dos imigrantes europeus de recriar no Brasil a vida e a cultura da terra natal foram transferidos, pelos seus descendentes gaúchos e catarinenses, para o Oeste na formação das comunidades. A língua, assim como outros aspectos da cultura, tornou-se um elemento de ligação com a pátria-mãe, a Europa, e a segunda pátria, o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Neste contexto multilíngue, e diante da complexidade e dinamicidade dos aspectos sociais, culturais e econômicos, a descrição da fala deve considerar os elementos que realçam as características relacionadas ao prestígio e aos estigmas dos diferentes grupos presentes nas comunidades, e que conduzem a certas atitudes e comportamentos. Pretende-se, portanto, descrever e analisar a estreita e complexa relação entre língua e sociedade, na qual se revela uma série de comportamentos sociais com relação aos falantes e à língua.

* Prof.^a Dr.^a do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado e Doutorado em Letras, área de Concentração Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE. Contato: sani_mar@yahoo.com.br.

** Prof.^a Dr.^a do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado e Doutorado em Letras, área de Concentração Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE. Contato: afsella1@yahoo.com.br.

Palavras-Chave: Variação Linguística. Sociedade. Crenças e Atitudes Linguísticas

Abstract: This article presents results about linguistic beliefs and attitudes noticed in the data obtained from the surveys carried out for the *West of Paraná Geo sociolinguistic study* (BUSSE, 2010). The western region of Paraná had its formation initially marked by the ethnic and cultural homogeneity. The feeling and the belief of rebuilding the homeland life and culture in Brazil were transferred by the European immigrants' descendants - from Rio Grande do Sul and Santa Catarina - to the west of Paraná communities' formation. The language, as well as other aspects of culture, became the connecting link to the motherland, the Europe, and the second motherland, Rio Grande do Sul and Santa Catarina. In this multilingual context and by the complexity and dynamism of the social, cultural and economics aspects, the speech description must consider the elements that enhance the features concerned to the prestige and the stigma of the different groups from the communities, that lead to certain behavior and attitudes. It is intended, therefore, to describe and analyze the close relation between language and society, in which is revealed a set of beliefs and social attitudes related to the speakers and the language.

Key-Words: Linguistic variation. Society. Linguistic Attitude and Beliefs.

Introdução

O interesse pelas crenças e atitudes linguísticas relativas à situação de línguas em contato se torna cada vez mais evidente nas atividades de pesquisa do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Unioeste, graças à presença da pesquisadora Vanderci de Andrade Aguilera, que, desde 2008, promoveu estudos sobre a fala em contextos de contato linguístico. Foi nesse ano que se deu início a um trabalho integrado com Instituições de Ensino Superior do Paraná, notadamente a Universidade Estadual de Londrina, Universidade Estadual de Maringá, Universidade Estadual de Ponta Grossa e Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná. Essa integração teve como ponto de convergência a Unioeste, que conseguiu apoio da Fundação Araucária para o desenvolvimento do projeto.

O modo como os falantes concebem o outro em seu cotidiano pode ser percebido, por exemplo, por meio de fenômenos da variação linguística,

contanto que se perceba, por meio da fala, como são externadas ações e “representações” sociais e culturais da comunidade. Ao tomarmos a língua como um conjunto estruturado, no qual estão representadas as relações sociais e a organização dos grupos, reconhecemos que ela é determinada pelas condições de existência do homem no tempo e no espaço, e que, quanto à sua composição, organização e uso, a fala é resultado da relação dinâmica entre os elementos internos e externos da língua.

Neste trabalho, especificamente, analisamos dados coletados por Busse (2010) por meio de questionário metalinguístico, para o Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná¹. Foram selecionadas respostas dos informantes inquiridos nos pontos 01 – Guaira, 02 – Assis Chateaubriand e 04 – Santa Helena. A eleição das localidades justifica-se pelos fatores históricos e culturais em que ocorreram os processos de colonização e povoamento dessas áreas. Pretendemos, portanto, a partir das respostas e depoimentos, identificar e analisar as crenças e as atitudes linguísticas que atuam para a formação de áreas homogêneas, com a manutenção de traços da fala dos primeiros colonizadores, e de zonas mais heterogêneas, em que as formas inovadoras se encontram em expansão.

Numa perspectiva basicamente laboviana, pode-se dizer que a concepção de língua como sistema socialmente determinado e heterogêneo, cuja variação estrutural está relacionada aos contextos cultural, social e histórico, rompe com a crença de sistema homogêneo e autônomo, colocando na dianteira das pesquisas linguísticas o olhar sobre a organização das sociedades e a língua como elemento que reflete e orienta essa organização. Configura-se, portanto, entre língua e sociedade uma relação dinâmica de determinação em que a fala é direcionada pelo jogo de relações de poder e prestígio entre os grupos.

A sobreposição entre língua e cultura realiza-se, nos contextos multilinguísticos, a partir da convivência entre as formas ou a partir da concorrência e adoção de elementos diferentes. Essa realidade polimórfica linguístico-cultural é resultado das complexas e dinâmicas relações mantidas entre os grupos e é determinada por fatores de ordem social e filtrada pelas crenças e atitudes dos falantes. Com relação ao Oeste e Sudoeste do Paraná, já são muitas as pesquisas que acenam para um Brasil que não é monolíngue. Basta pensarmos que a região é marcada pela tríplice fronteira e que há ilhas linguísticas resultantes do processo de imigração e migração, com a presença de colônias indígenas até hoje não reconhecidas devidamente em seu aspecto cultural.

Um olhar para os dados históricos já registrados sobre a colonização moderna do Oeste paranaense será suficiente para identificar o papel dos colonos sulistas, com seu também histórico anterior, notadamente vinculado ao processo de imigração do próprio país, o papel dos grupos do Norte e da região central do Paraná, das regiões Sudeste e Nordeste do Brasil. Assim, temos a formação de um contexto multicultural e multilíngue, no qual emergem peculiaridades na fala, como o registro de uma ou outra variante; e, em algumas situações, o predomínio de uma com relação a outra pode refletir as condições pelas quais as comunidades se organizam.

A fala do Oeste, em dados registrados por Aguilera (1994), Koch, Klassmann e Altenhofen (2002), Altino (2007) e Busse (2010), apresenta um contexto linguístico polimórfico, em que traços das diferentes variedades do português brasileiro coocorrem na fala, ultrapassando fronteiras e infiltrando-se em todas as camadas sociais. A manutenção de traços dos grupos colonizadores (catarinenses e gaúchos)² e a adoção de variantes dos grupos de migração recente resultam em ambientes linguísticos complexos, em que as formas alternam e desenham áreas multiculturais, de um lado, e ilhas linguísticas, de outro. A descrição da fala da região sugere, portanto, investigações e estudos que possam elucidar as condições sobre as quais a língua é utilizada nas comunidades, descrevendo as variáveis que atuam diretamente no contexto de fala.

Não podemos mais reconhecer com tanta nitidez a homogeneidade étnica do passado, apenas alguns traços que se perenizam no tempo e no espaço, em concorrência com formas diversas. Segundo Busse (2010), entre os elementos que colaboram para a complexa dinamicidade entre línguas e falares presentes nas comunidades, podemos citar os econômicos (formação de latifúndios, mecanização da produção agrícola, êxodo rural, formação de centros urbanos, construção da usina hidrelétrica de Itaipu, formação do lago de Itaipu e inundação de grandes extensões de terras, entre outros) e os sociais (mão de obra necessária para o trabalho na agricultura, que passou da produção familiar para a formação de pequenos latifúndios, a vinda de operários para trabalhar na construção da Itaipu, o comércio que se desenvolvia na região da fronteira com Paraguai e Argentina e a formação de polos na área da saúde e da educação).

Do ponto de vista linguístico, é possível identificar as consequências desse panorama multicultural com a formação de áreas de maior concentração de traços dos falantes sulistas e de pontos em que formas inovadoras se

difundem entre os falantes. O contato entre grupos provenientes de diferentes regiões do Brasil e de diferentes culturas ocorreu a partir do papel que cada um assumiu no processo de colonização da região. Temos, assim, a formação de comunidades cuja organização se encontra respaldada no poder econômico, estabelecido em torno da propriedade da terra dos primeiros grupos, que chegaram à região na década de 1960, e grupos cuja migração no período era em número inferior e avolumou-se a partir dos anos de 1980, grupos esses que forneceram mão de obra tanto no trabalho da lavoura quanto nos empreendimentos que surgiam nos centros urbanos.

1 O Ambiente da Fala: a pressão dos grupos sociais

As investigações sobre a variação linguística orientam-se a partir da tentativa de identificar e descrever a ordem causal dos fenômenos de variação, descrevendo-os quanto à sua ordem final e aos fatos que se determinam por sua função. Segundo Coseriu (1988), a mudança linguística deve ser compreendida como ordenada, em que as 'restrições' condicionadoras coabitam o campo da finalidade, da atividade e do existir concreto da língua.

Para Labov (1976, p. 47), "pressões sociais são exercidas constantemente sobre a língua, não de qualquer ponto de distância passada, mas sob a forma de uma força social imanente e presentemente ativa." **(tradução nossa)**.³ Em contextos linguísticos complexos, como aqueles registrados na região Oeste do Paraná, essa força social se atualiza nas interações sociais por meio da fala ao criar superposições dialetais e reservar a alguns falares ambientes específicos, a partir da avaliação positiva ou negativa.

A respeito da oposição padrão/não padrão e formas estigmatizadas/ formas de prestígio, Tarallo (2005, p. 11-12) chama atenção para o fato de que esta relação de concorrência nem sempre é verificada, pois podem surgir situações conflitantes de acordo com "a dimensão que as atitudes sociolinguísticas podem alcançar". Situações em que uma forma não-padrão assume papel mais forte na comunidade só podem ser explicadas mediante o "encaixamento sociolinguístico da variável na comunidade de fala", e isso depende da atitude que os falantes, condicionados por questões culturais e sociais, assumem.

Fishman (2001, p. 145) apresenta o conceito de vitalidade etnolinguística, como a "capacidade de um grupo para sobreviver como uma entidade distinta coletiva em um cenário intergrupar", a qual dependeria de fatores como o

status (social, econômico, e de prestígio linguístico), força demográfica (números absolutos, concentração, natalidade, migração), suporte institucional e fatores de controle (presença da língua na mídia, no governo, na escola, etc.). Sendo assim, a investigação sobre a “ordem causal” da mudança linguística ou sobre os contextos e variáveis atuantes sobre os fenômenos da variação projeta sobre a pesquisa a necessidade de reconhecer até que ponto os falantes resistem ou se rendem às formas coexistentes.

Weinreich, Labov e Herzog (2006) destacam a necessidade de identificar o “mecanismo de transferência”, na medida em que não se trata da simples troca de uma forma por outra, mas da coexistência, sob alternância, numa mesma comunidade linguística e num mesmo falante, de diferentes formas e o desfavorecimento gradual de uma em prol da outra, por motivações sociais. Conforme destaca Labov (1994),

Algumas variáveis são temas abertos para comentários sociais e mostram tanto correção quanto hipercorreção (estereótipos); outras não mostram o mesmo alto nível de consciência social, mas apresentam estratificação estilística e social consistente (marcadores); e outras que nunca se comentam ou sequer são reconhecidas pelos falantes nativos, porém se diferenciam só em graus relativos de avanço entre os grupos sociais que as iniciaram (indicadores). (LABOV, 1994, p. 144-145).

As crenças e atitudes linguísticas podem estar marcadas, no contexto multilíngue da região Oeste do Paraná, pela história dos grupos, pela percepção dos e sobre os falantes, principalmente a partir do *status* das culturas e línguas na comunidade.

Membros de grupos com baixa vitalidade são mais propensos a usar estratégias de assimilação, o grupo pode até mesmo deixar de existir como uma entidade distinta coletiva. Por outro lado, grupos com vitalidade têm maior probabilidade de sobreviver como coletividade distinta em contextos multilíngues. O pressuposto básico aqui é o de que os falantes que percebem a vitalidade do grupo como alta possuem atitudes mais positivas sobre o uso de sua própria língua, do que aqueles que acham que ela seja baixa⁴. (FISHMAN, 2001, p. 145, **tradução nossa**)

A observação acima autoriza a seguinte conclusão: sobreviverão nas línguas, as formas pertencentes ao grupo mais forte, identificadas pela comunidade como prestigiosas. No contexto da região Oeste, podemos observar a formação, desde a década de 1960, de ilhas linguísticas, com a presença de colonos sulistas, descendentes de imigrantes europeus (alemães e italianos), e uma área periférica, em que se concentraram grupos advindos de diferentes regiões do Paraná, do sudeste e nordeste do Brasil. Segundo dados registrados em estudos e atlas linguísticos, os traços da fala sulista prevalecem em áreas onde se concentraram os grupos étnicos (AGUILERA, 1994; MERCER, 1993; KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002). Estudos mais recentes (BUSSE, 2010) indicam uma redução dessas áreas e processos de mudança linguística em andamento. Passados, portanto, mais de 50 anos da chegada dos colonizadores, os núcleos culturais iniciam um lento e gradual processo de dissolução com a incorporação de falantes, que chegaram às comunidades com os grupos que realizaram o povoamento mais recente, e uma mudança social gerada por fatores de ordem social, cultural e econômica.

2 A Formação Histórico-Cultural do Oeste Paranaense

As características geográficas e históricas da região Oeste favorecem sobremaneira uma análise da fala pautada na interface etnográfica. Os movimentos de colonização dos colonos sulistas na década de 1960 e de outros grupos a partir da década de 1970 podem ser apontados como responsáveis pelo polimorfismo na fala paranaense, com destaque para áreas de maior conservação cultural e formação de ilhas linguísticas. Pesquisas geolinguísticas realizadas sobre a fala do Paraná e do Sul do Brasil (AGUILERA, 1994; MERCER, 1993; ALTINO, 2007; BUSSE, 2010) registram áreas em que se mantêm os traços da fala dos Estados de origem dos primeiros moradores (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) e a formação de zonas de transição linguística, em que se constata a adoção de formas da fala de grupos de outras regiões do Paraná e do Brasil.

O sentimento e a crença dos antepassados, que colonizaram o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, de recriar nas terras brasileiras a vida deixada na Europa levaram os primeiros moradores, motivados pelo objetivo de formar núcleos culturais homogêneos, a se instalarem na região do Oeste paranaense. A língua, assim como outros aspectos da cultura, foi o elemento de ligação com a terra deixada para trás, tanto a pátria-mãe, na Europa, quanto a segunda pátria, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

Muito embora tivesse que conviver e se adaptar à nova realidade, esse migrante/imigrante teve nos planos das colonizadoras as condições necessárias para formar no Oeste do Paraná a sua nova pátria. Segundo Gregory (2005, p. 93), os planos de ação do governo federal e estadual, executados pelas companhias madeireiras e pelas colonizadoras, eram implementados por meio da seleção de colonos que se adaptassem à região, a saber, “o elemento humano eurobrasileiro do sul do Brasil, ou seja, descendentes de alemães, italianos e de outros imigrantes acostumados com a lida agrícola colonial na pequena propriedade”. Tomando, portanto, o trajeto dos grupos, desde as regiões de origem, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, até as localidades da região, é possível identificar a formação de regiões culturais, que, segundo Diéguas Júnior (1960, p. 7), correspondem a “espaços territoriais definidos por certas características que dão unidade de ideias, de sentimentos, de estilos de vida, a um grupo populacional”. Isquerdo (2006, p. 12) destaca que as áreas culturais “individualizam-se, pois, por marcas étnicas, histórico-geográficas e linguísticas, o que permite, por exemplo, delinear áreas dialetais que evidenciam características dos diferentes falares que convivem em um determinado território.” Assim, o que, a princípio, apresenta-se como uma região, na verdade revela um quadro multiforme, pelo encontro de diferentes culturas, línguas e falares.

3 Crenças e Atitudes: elementos da fala e da cultura do Oeste paranaense

O fenômeno da mudança linguística ocorre em ambiente complexo mediante a atuação de forças sociais, de ordem diversa, com uma tendência para a manutenção ou implementação de elementos linguísticos dos grupos com maior prestígio na comunidade. Grupos em diferentes posições sociais tendem a travar uma luta quanto ao uso de determinadas formas linguísticas, principalmente aquelas que imprimem uma marca ao grupo.

Acreditamos que, na região Oeste, nos ambientes de contato linguístico, os falares regionais são particularmente suscetíveis à formação histórica da localidade, ou seja, ao lugar social de cada grupo. As crenças e as atitudes linguísticas, que emergem dos lugares sócio-históricos, motivam, nesses contextos, os falantes a adotarem determinadas posturas que favorecem um e outro grupo na tentativa de imprimir à fala uma identidade. Conforme destaca Moreno Fernández, “as atitudes linguísticas estão relacionadas com as

próprias línguas e a *identidade* de grupos que as usam. Por conseguinte, é lógico pensar que, como existe uma relação entre língua e identidade, esta deve se manifestar nas atitudes que os indivíduos sobre essas línguas e seus usuários”.⁵ (1998, p. 180, **tradução nossa**).

Lambert e Lambert (1966, p. 77) destacam que “uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante”. As análises aqui processadas tomam como referência o fato de as crenças e as atitudes linguísticas motivam as reações de uma sociedade. Para tal, selecionamos dados que revelam o posicionamento do falante com relação à identidade linguística em contexto multicultural.

Apresentamos, na sequência, dados coletados nos inquéritos realizados por Busse (2010), para o Estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná. Na pesquisa, encontramos um roteiro que parece evidenciar a complexa e dinâmica relação traçada entre os grupos presentes nas localidades. A análise está respaldada em dados históricos e culturais, na dimensão diatópica e na dimensão diastrática.

Aos comentários dos informantes seguem, entre parênteses, as informações referentes à localidade (nome) e às dimensões diastráticas: sexo (masculino ou feminino); classe social ou escolaridade (baixa: Cb; alta: Ca); faixa etária (GI: 18 a 35 anos; GII 40 a 65 anos).

As respostas analisadas referem-se à pergunta do Questionário Metalinguístico: “*Como você acha que os moradores daqui (nome da localidade) falam? Por quê?*” A questão favorece a identificação do panorama cultural que se afigura na região, que parte do ideal de homogeneidade, almejado pelos primeiros moradores, para desdobrar-se no polimorfismo linguístico, resultado dos contatos mantidos, em diferentes momentos, com falantes de diferentes regiões do Paraná e do Brasil.

Na resposta (1), encontramos uma avaliação do informante quanto à fala da sua comunidade, com destaque para a descrição de situações de contato entre línguas e dialetos.

(1) Olha, aqui em Guaira tem... em a cidade exatamente de Guaira, ela tem muitos sotaques muito misturados, então isso vira um mesclado de tudo um pouco. Acho que todos têm uma certa língua, sabe. Não tem um sotaque especifico, que nem lá no interior de Marechal Cândido

Rondon nós teríamos um sotaque, puxando tipo tudo um padrão, né. Aqui, todo mundo, acho que tenta... tenta homogeneizá o sotaque, né. Sempre a descendência puxa um pouco, japonês fica com sotaque japonês, nós também, mas no geral, todo mundo tenta homogeneizá mais, né, porque, têm muitos tipos... (Guaira, MCbGII)

Inicialmente, é preciso registrar a consciência que o falante tem com respeito à comunidade em que vive, principalmente quando a compara a outras comunidades vizinhas, pertencentes ao mesmo Estado. Dessa forma, fica a avaliação de que em Marechal Cândido Rondon há um histórico de “descendência”, o que anuncia um falar marcado pela colonização, o que já não seria peculiar a Guaira.

A tentativa de homogeneização mencionada pelo falante revela a consciência sobre estigmas marcados pela falta de unidade na fala da comunidade, que é constituída por um histórico tecido por portugueses, alemães, japoneses e espanhóis. Por não se tratar de um núcleo étnico, como Marechal Cândido Rondon (visivelmente tida como uma colônia de alemães), Toledo (alemães), Medianeira (italianos), não é possível, segundo o informante, reconhecer “um sotaque específico”. A padronização mencionada pelo informante destaca-se no contexto de fronteira, em que paraguaios (falantes de espanhol e guarani) e brasileiros (falantes de dialetos da língua alemã e italiana e de falares do português) circulam e interagem constantemente. A pressão social sobre a homogeneização não é, aqui, da língua padrão, mas do português falado na localidade, o qual já absorveu formas alógenas de todos os falares que se encontraram na localidade.

No próximo comentário, é possível avaliar mais uma vez como o estigma com relação a um falar heterogêneo orienta a avaliação da comunidade.

(2) Porque eu fui criada no norte tenho outro jeito de conversá, cheguei aqui, peguei o ritmo deles, mas já não falo igual eles. Têm muitas coisa que eu falo que eles dão risada, porque não é igual (Guaira, FCbGII)

Três questões chamam a atenção na fala acima: a consciência de que há falares distintos a depender das regiões; a adaptação processada com relação à língua e à cultura, mesmo que isso signifique a manutenção de traços do falar anteriormente adquirido; e, por fim, o estigma com relação a uma cultura

que praticamente não está estabelecida no contorno do histórico da colonização da região e nem mesmo no perfil do falante da fronteira. Percebe-se que à medida que o falante foi se adaptando aos costumes da região foi incorporando ao falar marcas de um sotaque tido como uma marca regional.

Conforme destacam Chambers e Trudgill (1980, p. 96-97), os falantes que pertencem a grupos que não possuem 'segurança social' que os aproxime de um grupo mais alto, que não se encontram suficientemente distantes de um grupo mais baixo (classe trabalhadora), e que apresentam, portanto, 'insegurança linguística', buscam uma fala cuidadosa e monitorada, usando formas linguísticas de maior prestígio.

As respostas e os comentários (3) e (4) descrevem o ambiente cultural e linguístico dos falantes pertencentes a grupos que chegaram à localidade na mesma época dos colonos sulistas ou mais tarde, nas ondas migratórias atraídas pelo desenvolvimento econômico, e que não pertenciam aos núcleos culturais dos descendentes de imigrantes alemães e italianos. O cenário descrito nos depoimentos comprova a homogeneidade cultural planejada pelas empresas colonizadoras e implementada pelos primeiros moradores.

Evidencia-se nas respostas a pressão do meio sobre a fala, a cultura dos grupos alienígenas e a explicitação de um comportamento dos falantes em que prevalece a aceitação da cultura e da fala do outro. Não se trata, aqui, de conhecer a língua do outro, mas de aceitar a cultura do outro.

(3) Chegemo pr'aqui eles conversava em alemão, a gente já conversava outro tipo, né. Que a conversa português com alemão, a gente não sabe nada, né. Pra sabê, a gente tem que praticá, né. Pra sabê as palavra que eles tão dizendo. Às vez a gente ficava meio curioso, porque a gente sa... via falando tudo enrolado, meu Deus, será que eles tão falando de bem ou de mal da gente... (risos) A gente ficava assim, né... pensando ali... Depois a gente foi se acostumando. Hoje em dia, a gente nem vê mais falá em alemão, fala tudo em português, né... (Santa Helena, FCbGII)

(4) Eu acho... eles falam um poquinho diferente, né... porque aonde que eu morava, né... é mais... Umuarama era mais nortista, né... Aqui já tem mais alemão, né... Eles já têm um sotaque diferente. Agora eu já aprendi, também, a falá como eles, né... (risos) (Santa Helena, FCbGI)

A resposta seguinte descreve uma realidade diferente, na qual se destaca a presença de diferentes falares do português brasileiro. O município de Assis Chateaubriand, que se encontra próximo da região Noroeste, distancia-se dos núcleos sulistas e diferencia-se quanto ao perfil dos falantes, que desde o início conviveram com grupos de diferentes regiões do Brasil. Pela distância da terra de origem ou pelo número reduzido de indivíduos, esses falantes, conforme destaca o informante, adaptaram-se à fala da localidade, que não é homogênea, mas tem alguns traços característicos, como, segundo o informante, o paranaense e o nordestino.

(5) Óia, fica meio difícil pra mim falá, porque os minero com paulista mistura bastante, paranaense são meio... parece que misturô bastante. E os nordestino também, quando eles vêm do Norte, são bastante diferente, mas depois que eles tã aqui muda. Aí fica mais, mais no paulista, aí, paulista, minero, acho que fica mais nessa língua aí. (Assis Chateaubriand, MCBGII)

Verifica-se na resposta seguinte uma descrição do comportamento dos falantes que, segundo a informante, incorporam na fala as variantes da localidade. No que tange ao exemplo citado, é pertinente destacar que a oclusiva dental, conforme Aguilera (1994), Altino (2007) e Busse (2010), encontra-se restrita em determinadas áreas da região Oeste do Paraná, nas localidades em que se formaram os núcleos de colonização sulista. O *status* da oclusiva dental, na comunidade, não é o mesmo da oclusiva palatalizada. Considerando-se o povoamento da localidade, realizado por grupos vindos do Norte e Noroeste do Paraná e região Sudeste e Nordeste do Brasil, a palatalização da dental é a variante de prestígio, e a dental pode ser tomada como um marcador, pois apresentam estratificação estilística e social consistente (TARALLO, 2005).

(6) Elas falam... leite [l^hejtʃi], usam bastante o ti [tʃi], isso... Noventa por cento. Eh..., falam com o e [e]. E vão chegá a i [i], também. (Risos) Leite [l^hejtʃi], leite [l^hejte]. Tem, mas com a convivência vai chegá no [tʃi], também. Porque eu falava leite [l^hejte]. (Assis Chateaubriand, FCaGI)

No depoimento (7), mesmo classificando as variantes como “correto” e “cultura antiga” ou “cultura caipira”, o informante reconhece as diferenças

e as justifica amparado em questões de ordem cultural. O antigo, que remete à fala dos grupos que povoaram a localidade, provenientes do interior de São Paulo e Minas Gerais e que trouxeram consigo a cultura descrita como “caipira”, contrasta, segundo o informante, com o “correto”, que se presume estar mais ligado à cultura escolar.

(7) Olha, existe, existe variações, né. Existe quem fala correto, aqueles que já, tipo aqueles nome que a gente citô, que ainda se conserva, né. Digamos que isso daí é uma... na sociologia é a cultura que uma pessoa recebe, né. Então, se você recebe aquela cultura antiga, caipira, mas é uma cultura, também. (Assis Chateaubriand, FCaGI)

Em (8) e (9), é possível observar um posicionamento mais crítico sobre a fala da localidade. Destaca-se, segundo o informante, a gíria na fala dos jovens, e a interferência de uma língua em outra, no caso do alemão no português. Ambos os fenômenos são vistos de uma forma negativa, o que pode estar relacionado a avaliações pautadas em aspectos sociais, orientadas, principalmente, pelo nível de escolaridade.

(8) Bem mal... Ah, se for analisá pelo português... viche... Principalmente os jovens, nossa... totalmente errado o jeito de falá, muita gíria... eh... bem diferente do que precisaria sê, né? A gente foi, nós fumo..., entendeu? Essas coisas assim, nossa, completamente errado... (Marechal Cândido Rondon, FCaGI)

(9) Com sotaque alemão. Bastante... Ah, troca as letras, tipo o *be...* o *be* pelo *pe*, pelo *te* também... o *fe* pelo *ve*. Até no modo de escrevê, tem gente que troca *fazemos...* *vazemos*, o *tia*, *dia*... Como aqui é uma cultura mais alemã, é difícil alguém que falá diferente. Mesmo quem vem de outro lugar, assim mais do norte, acaba pegando o costume, né, de falá... Acaba que pega o costume de escutá... de tanto escutá acaba falando também, né. Ah, cada região [ReZi'a]w tem um jeito. Que nem o nordeste tem um jeito... A Bahia fala mais puxado, aqui... aqui em Rondon aqui... com mais alemão. Cada região [xeZi'a]w tem um jeito de falá. Acho que o Brasil não tem uma língua certa... (Marechal Cândido Rondon, FCaGI)

As respostas (10) e (11), de informantes da segunda geração (40 a 65 anos), dão indícios de uma avaliação positiva, pois há certa segurança quanto à avaliação da própria fala e da avaliação de outros, que pode estar relacionada às condições econômicas dos falantes, mas também ao pertencimento ao grupo de prestígio nas localidades.

(10) A gente acha que é certo, né, pode ser que muitas pessoas acham que é erado [e'RadU], né. (Marechal Cândido Rondon, CaGII)

(11) Entre nós aqui, o pessoal já veio do Sul, então troxe o mesmo sotaque, as mesmas..., né. Agora no norte, Umuarama, aí pra cima, é diferente, mais puxado pro pessoal do norte, né? Paulista, Rio de Janeiro veio de lá, e nós subimo aqui. Nós não sentimo muito a diferença... (Santa Helena, MCGII)

Dentre os elementos que se destacam em cada resposta, podemos observar que o contexto multidialetal da região, o espaço geográfico, a origem étnica, o estatuto da fala ou mesmo dialeto podem servir de base para a avaliação positiva ou negativa com relação ao falar ou mesmo falares de uma determinada região.

Em torno das crenças e atitudes sobre a fala pode surgir, assim, um ambiente favorável ou não para a mudança linguística. Destaca-se aqui que a relação não é unidirecional, mas se trata de uma via de mão-dupla. As situações não são estáticas, as mudanças na ordem social implicam ou não a mudança também de atitudes quanto à língua. Esta realidade pode ser observada na implementação da retroflexão na região. Tanto é que é possível avaliar a noção de falar correto falar de prestígio, a partir da pressão social sobre a fala em comunidades de contato linguístico. Observemos, por exemplo, depoimento 2 novamente.

(2) Porque eu fui criada no norte tenho outro jeito de conversá, cheguei aqui, peguei o ritmo deles, mas já não falo igual eles. Têm muitas coisa que eu falo que **eles dão risada**, porque não é igual (Guaíra, FCBGII)

O fato de os falantes da língua tida como dos colonizadores expressarem, por meio da "risada", a avaliação sobre o falante e a sua fala revela uma atitude negativa, e, como isso, são manifestadas crenças e atitudes

que remetem ao projeto de colonização das localidades, pautado numa tentativa de homogeneização cultural, que ainda permeia o cotidiano das comunidades.

Algumas Considerações Finais

Tal como já anunciamos, apresentamos aqui apenas algumas reflexões iniciais sobre o papel das crenças e atitudes nos fenômenos da mudança linguística. Todo estudo que pretende descrever a realidade linguística de uma comunidade adentra por caminhos desconhecidos, pois no contexto complexo em que a fala emerge atuam diversos elementos, com intensidades diferentes. A identificação e a análise desses “elementos”, pertencentes ao contexto externo da língua, (favorece) favorecem uma compreensão ampla da fala como ela se apresenta na comunidade.

As crenças e atitudes dos falantes sobre sua fala e a fala do outro se colocam como possibilidade de se traçarem os caminhos percorridos pelas variantes no interior dos grupos. Contudo, para uma análise mais profunda, precisamos cotejar as respostas aos resultados das investigações sobre os fenômenos que se manifestam no interior dos níveis linguísticos. Por agora, este estudo serve de mote inicial para o questionamento que não quer calar sobre uma concepção já marcada relativamente à colonização de descendentes alemães ou italianos do Oeste do Paraná. O que se tem é uma região marcada também por migrações tidas no interior do próprio Estado e ainda pelos contornos fronteiriços não somente ditados pela tríplice fronteira, mas também pela fronteira com o Mato Grosso do Sul, o caso de Guaíra, a ainda miscigenações ditadas pela vinda de mineiros e paulistas.

Ou seja, há muito ainda o que desvendar sobre uma região que se caracteriza por ser recentemente colonizada e por ter o reflexo de migrações de histórico jovem e promissor. A única universidade estadual é a Unioeste, e seu reconhecimento foi recente. É recente também a formação de faculdades particulares, há duas recentes unidades tecnológicas federais, além da Unila, que reforça o caráter bilíngue da fronteira.

Portanto, pesquisas que desvendem essa cultura e que acenem principalmente para uma avaliação mais completa do ensino nesse contexto são as formas mais conscientes de avaliar o verdadeiro complexo sociolinguístico que marca a história e delinea o futuro de uma geração que compartilha a troca não somente de experiências, mas da essência das línguas que se misturam.

Fica a impressão de que há um movimento de assimilação cultural, porque nas falas apresentadas os falantes ora demonstram terem se adaptado ao falar já existente, ora terem aceito o estigma ou ora parecem certos de que quase todos estão falando uma espécie de português. Essa última avaliação pode ser um indicio de que a sensibilidade ao multiculturalismo rende também a aceitação da diversidade da língua, no nível fonético-fonológico, semântico-lexical e morfosintático, e mesmo de um português praticamente miscigenado, fruto do encontro de culturas, línguas e falares.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1990.

ALTINO, Fabiane Cristina. *Atlas Lingüístico do Paraná II*. 2007. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2007. 2v.

BUSSE, Sanimar. *Um estudo geossociolingüístico da fala do Oeste do Paraná*. 2010. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2010. 2v.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e historia*. El problema del cambio lingüístico. Madrid: Gredos, 1988.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1960.

FISHMAN, Joshua. *Handbook of language & ethnic identity*. New York: Oxford University Press, 2001.

GREGORY, Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970)*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2005.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no Português do Brasil. *Alfa*, São Paulo, n. 50, v. 2, p. 9-24, 2006.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. ALERS: *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*. Volume I e II: Introdução. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS/Ed. UFSC/Ed. UFPR, 2002.

LABOV, William. *Sociolinguistique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1976.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace. E. *Psicologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace. *Principios del Cambio Lingüístico*. Volumen 1 e 2: Factores Internos. Madrid: Gredos, 1994.

MERCER, José Luiz. Áreas fonéticas do Paraná: dados preliminares do ALERS. *Revista da ABRALIN*. Boletim n. 14, jul./ago. 1993.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. Lengua, geografía y sociedad. In: JORNADAS DE LINGÜÍSTICA, 4., 1998, Alcalá de Henares. *Anais...* Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 1998. p. 53-76.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 2005.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].